

«PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

1. Colocação do problema humano

por Luigi Giussani*

EXPERIÊNCIA DO HUMANO

Depois de tanto convívio com Jesus, depois do desaire do Calvário e do mistério da Páscoa, os Apóstolos tinham percebido ainda muito pouco acerca d'Ele. De facto, ainda Lhe perguntam quando iria restaurar o reino de Israel,¹ tal como todos o entendiam, um reino de supremacia territorial e política. E faltavam poucas horas para a Sua ascensão aos céus!

Se ainda não tinham percebido, por que razão O seguiam? E havia entre eles pessoas que tinham deixado mulher, filhos, casa, barcos e redes, ofício, negócios. Porque O seguiam?

Porque Cristo se tinha tornado o centro da sua afetividade.

Como era possível?

Cristo era o *único* em cujas palavras a sua experiência humana se sentia compreendida e as suas necessidades levadas a sério, e trazidas à luz quando eram inconscientes e confusas; assim, por exemplo, mesmo aqueles que julgavam precisar apenas de pão começavam a perceber que «nem só de pão vive o homem».²

Cristo apresenta-se-lhes precisamente assim, como *um Outro* que vem surpreendentemente ao seu encontro, que os ajuda, lhes explica os seus problemas, os cura, mesmo que sejam aleijados ou cegos, faz bem à sua alma, responde às suas exigências, está dentro da sua experiência... Mas o que são as suas experiências? As suas experiências, as suas necessidades e as suas exigências são eles próprios, aqueles homens concretos, a sua própria humanidade.

Portanto, Cristo chega justamente aqui, ao meu comportamento de homem, de alguém que espera qualquer coisa porque sente que lhe falta tudo; pôs-Se ao meu lado, propôs-Se à minha necessidade original.

Para encontrarmos Cristo temos, antes de mais nada, que colocar seriamente o nosso problema humano.

Em primeiro lugar, temos de abrir-nos a nós mesmos, ou seja, aperceber-nos vivamente das nossas experiências, olhar com simpatia para o humano que existe em nós, temos de tomar em consideração o que verdadeiramente somos. Considerar significa levar a sério o que experimentamos, *tudo*, e surpreender-lhe *todos* os aspetos, procurar-lhe *todo* o significado.

Precisamos de estar muito atentos, porque demasiado facilmente não partimos da nossa verdadeira experiência, quer dizer, da experiência na sua totalidade e autenticidade. De »

¹ Cf. Act 1.6.

² Mt 4,4; Lc 4,4.

* «Passos de experiência cristã» em *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra 2007, pp. 77-83.

» facto, muitas vezes identificamos a experiência com impressões parciais, reduzindo-a, assim, a um coto, como frequentemente sucede no campo afetivo, nos enamoramentos ou nos sonhos sobre o futuro.

E mais frequentemente ainda confundimos a experiência com preconceitos ou esquemas, porventura inconscientemente assimilados, do ambiente que nos rodeia. Razão pela qual em vez de nos abirmos naquela atitude de espera, de atenção sincera, de dependência, que a experiência profundamente sugere e exige, nós impomos à experiência categorias e explicações que a bloqueiam e angustiam, com a presunção de a resolver. O mito do «progresso científico que um dia irá resolver todas as nossas necessidades» é a fórmula moderna desta presunção, uma presunção selvagem e repugnante: não considera as nossas verdadeiras necessidades, nem sabe sequer o que sejam; recusa-se a observar a experiência com olhar claro e a aceitar o humano com tudo o que este exige. Por isso, a civilização dos nossos dias faz com que nos movamos às cegas entre esta exasperada presunção e o mais obscuro desespero.

SOLIDÃO

Da situação dos Apóstolos, narrada nos versículos 9-11 do I capítulo dos *Atos*, chega-nos uma importantíssima sugestão. Cristo partiu e eles ficam ali, parados, de boca aberta – a sua esperança foi-se embora –. Cai sobre eles a solidão, como descem sobre a terra a escuridão e o frio mal o sol se põe. Quanto mais descobrimos as nossas exigências, mais nos apercebemos de que não as podemos resolver por nós, como o não podem os outros, homens como nós. O sentido de *impotência* acompanha toda a experiência séria de humanidade.

E é este sentido de impotência que dá origem à *solidão*. A verdadeira solidão não provém tanto do facto de se estar só fisicamente, como de descobrir que um problema fundamental nosso não pode encontrar resposta em nós ou nos outros.

Pode-se perfeitamente dizer que o sentido da solidão nasce no próprio coração de qualquer compromisso sério com a nossa humanidade. Pode perceber bem tudo isto quem julgue ter encontrado a solução para uma necessidade importante em alguma coisa ou em alguém: e este desaparece, vai-se embora, ou revela-se incapaz.

Estamos sós com as nossas necessidades, com a nossa necessidade de ser e de viver intensamente. Como alguém que está sozinho no deserto, a única coisa que pode fazer é esperar que alguém chegue. E a solução não virá decerto do homem, porque são precisamente as necessidades do homem o que é preciso resolver.

COMUNIDADE

Os Apóstolos regressaram do lugar onde Cristo subira ao céu e permaneceram juntos.³

Quem descobre verdadeiramente e vive a experiência da impotência e da solidão não está só. Aliás, só quem tem experiência da profunda impotência humana e, portanto, da solidão pessoal, se sente próximo dos outros, se liga a eles facilmente, como gente perdida e sem abrigo no meio de uma tempestade. Sente o seu grito como grito de todos, e a sua ânsia e a sua expectativa sentem a ânsia e a expectativa de todos.

Só quem tem verdadeira experiência da impotência e da solidão está com os outros sem calculismo e sem ditadura mas, ao mesmo tempo, sem passividade, sem grega- »

³ Cf. Act 1,12-14.

» rismo, sem se sujeitar a tornar-se escravo da sociedade.

O homem só pode considerar-se seriamente comprometido com as suas experiências humanas quando sente esta comunidade com os homens, comunidade sem fronteiras e sem seleções, comunidade com todos e cada um, porque vive o compromisso com o que de mais profundo existe em nós e, por conseguinte, com o que há de comum em todos.

Um homem está verdadeiramente comprometido com as suas experiências humanas quando, ao dizer «eu», vive isso tão simples e profundamente que o sente fraternalmente solidário com o «eu» de qualquer outro homem.

Seja como for, a resposta de Deus só irá alcançar o homem que assim estiver comprometido.

É preciso notar, imediatamente, que esta solidariedade com a humanidade inteira vive, de facto, realizando-se num ambiente determinado. Também nos *Atos dos Apóstolos*⁴ a comunidade dos Apóstolos surge numa situação (ou *ambiente*) muito precisa⁵. Não foram eles que escolheram as pessoas ou os lugares; encontraram-se neles quase por acaso e toda a sua vida irá depender disto.

Assim, a nossa humanidade pessoal surge, toma forma e nutre-se num *ambiente* bem preciso: encontramos-nos dentro dele, não somos nós que o escolhemos.

A atenção em compreender todo o ambiente, a oferta da nossa noção de comunidade a todas as pessoas do ambiente, mede a abertura do nosso compromisso humano, coincide com a sinceridade do nosso compromisso com toda a humanidade. Não nos compete a nós excluir alguém da experiência da nossa vida humana; a escolha cabe unicamente a Deus, que a realiza com a situação em que nos coloca. O contrário seria um intimismo nosso, abuso de um esquema preconcebido nosso.

AUTORIDADE

Pedro, a figura mais representativa da comunidade, levanta-se e fala. E seguem-no.⁶

No ambiente em que vivemos existem de facto pessoas com mais sensibilidade para uma experiência de humanidade, desenvolvem *de facto* uma maior compreensão do ambiente e das pessoas, provocam *de facto* mais facilmente um movimento comunitário. Elas vivem a nossa experiência mais intensamente, mais comprometidas; cada um de nós sente-se melhor representado nelas; com elas sentimos muito mais gosto em estar lado a lado com os outros, em comunidade.

Reconhecer este fenómeno é ser leal consigo mesmo e com a própria humanidade; é um dever de bom senso.

Mas o encontro com quem melhor sente e percebe a minha experiência, o meu sofrimento, a minha necessidade, a minha expectativa, leva-me naturalmente a *seguir-lo*, a tornar-me seu *discípulo* por causa daquela humanidade que, quando nos descobrimos impotentes e sós, nos impele a reunir-nos.

Nesse sentido, estas pessoas constituem naturalmente para nós uma *autoridade*, ainda que não estejam condecorados com honras ou títulos. Torna-se naturalmente autoridade, em primeiro lugar, quem mais lealmente compreende ou vive a experiência humana.

A autoridade surge, assim, como uma riqueza de experiência que se impõe aos outros, gera novidade, espanto, respeito. Há inevitavelmente uma atração nela. Há um enérgico poder de sugestão nela. Não valorizar a presença desta *autoridade de facto* que o Ser »

⁴ Cf. Act 1,13.23-26.

⁵ Cf. Act 1,21-26.

⁶ Cf. Act 1,15-22.

» dissemina por todo o ambiente, é um apego mesquinho às nossas medidas. Quando os judeus diziam de Cristo: «Este sim, tem autoridade», abandonavam os esquemas dos Fariseus e seguiam-No.

O encontro com esta autoridade natural educa a nossa sensibilidade e a nossa consciência, faz-nos descobrir melhor aquilo de que somos feitos e aquilo a que aspiramos do fundo da nossa indignação presente.

ORAÇÃO

O versículo 14 do capítulo 1 dos *Atos* mostra-nos a comunidade dos Apóstolos esperando o que Cristo prometera, toda ela «assídua na oração».

O homem que descobre a sua impotência só vive a comunidade e sente a «convivência» com os outros *pressentindo qualquer coisa mais além* da sua situação e capaz de a resolver. A comunidade só acontece quando há um *esperar juntos* (também o homem e a mulher que realmente se amam têm este pressentimento inextirpável, caso contrário não estão juntos seriamente).

As nossas experiências, levadas verdadeiramente a sério, são um sofrimento, um descobrir-se carregado de necessidades, de problemas não resolvidos, de dor, de ignorância. Levadas verdadeiramente a sério, elas exigem inexoravelmente qualquer coisa «diferente», qualquer coisa «mais além»: têm uma autêntica dimensão religiosa.

As nossas experiências, levadas a sério, são uma autêntica *profecia* (espera, esperança...) do que ainda não temos.

O *sentido* de todas as nossas experiências: eis o que ainda não temos. Mas esperamos-lo, talvez inconscientemente.

Se esta espera for verdadeiramente consciente – consciente da inexorável incapacidade humana, e da inexorável sugestão da natureza – então converte-se forçosamente em *oração*, oração ao «Outro» misterioso que me poderá ajudar e dar uma solução; oração a esse Deus que... Ele faz surgir a pergunta, Ele há-de dar a resposta.

A oração, portanto, é simples pedido, o ato mais simples para todos e mais sentido por todos, o ato mais fundamental da consciência humana, o ato mais concreto que existe.

Reza quem é mais realista, quem considera mais seriamente a sua experiência humana.

E é um *pedido feito em conjunto, em comum*. A descoberta da impotência para ser feliz é a descoberta daquilo que mais temos em comum com todos os outros: esta impotência é, com efeito, o que de mais humano existe em cada um.

Então, também a atitude de esperar que esse «Outro» nos ajude é de todos em conjunto, é comunitário por natureza, de tal maneira que ninguém pode adotá-la verdadeiramente sem se sentir «um só coração»⁷ com todos.

Relembramos que é possível enviar perguntas e testemunhos para o site <http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>

⁷ Act 4,32.